

36° ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

GT27: Pensamento Social no Brasil

***O Homem no Vale do São Francisco: projeto, contexto  
e pesquisa social no Brasil (1940-1960)***

Marcos Chor Maio

Pesquisador e professor do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

*E-mail:* maio@coc.fiocruz.br

Nemuel da Silva Oliveira

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

*E-mail:* nemuel@gmail.com

Águas de Lindóia, São Paulo

21 a 25 de Outubro de 2012

## **Introdução**

Os anos 1950 foram pródigos em ciclos de pesquisas desenvolvidos pelas ciências sociais brasileiras como o convênio Columbia University-Estado da Bahia, o programa Unesco de relações raciais e o conjunto de estudos realizados no Vale do Rio São Francisco. Eles foram patrocinados por agências nacionais e internacionais, instituições de ensino e pesquisa. Predominou nos desenhos dos projetos a expectativa de abordar um país em acelerado processo de transformação social ditado pela industrialização, pela urbanização e pelas mudanças no mundo rural.

Embora não fosse novidade a idéia de mapear e analisar a heterogeneidade social, econômica e regional, os cientistas sociais buscaram demonstrar a diversidade do país mediante pesquisas sistemáticas cujos resultados, tomados a partir de uma perspectiva comparada, pudessem trazer novas interpretações sobre a sociedade brasileira. Neste universo de alterações na estrutura social, o papel dos cientistas sociais foi colocado em debate.

Este trabalho tem por objetivo analisar as relações entre ciências sociais e desenvolvimento no Brasil, a partir da investigação do ciclo de Pesquisas no Vale do São Francisco. Este empreendimento foi levado a cabo na década de 1950, sob a coordenação do sociólogo norte-americano Donald Pierson (1900-1995), sob os auspícios da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), do Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution (ISA/SI) e da Comissão do Vale do São Francisco (CVSF).

Em geral, o “projeto do Vale” é inserido nos chamados “estudos de comunidade” (Melatti, 1984). Estes estudos são comumente entendidos como um esforço de análise da sociedade brasileira por meio de múltiplas investigações das populações rurais, inspiradas em estudos sociológicos e antropológicos norte-americanos como os de Robert e Helen Lynd, Warner Lloyd e Robert Redfield, entre outros. As pesquisas verificariam, entre outros aspectos, os processos de mudança cultural e de persistência da tradição. Em termos metodológicos, os “estudos de comunidade” refletiriam o deslocamento, para sociedades complexas, das técnicas de investigação caracteristicamente utilizadas pelas pesquisas etnográficas em sociedades ditas primitivas. Os críticos conceberam essas investigações estudos sob o rótulo “estudos de comunidade” como experiências descritivas, tópicas, moleculares, sem sentido globalizante ao se pautarem pela investigação minuciosa de pequenas localidades isoladas (Goldwasser, 1974; Oliveira, 2010).

A título de ilustração, o ensaio bibliográfico de Guidi (1962) chama a atenção da diversidade das pesquisas sob a rubrica “estudos de comunidade”. A etnografia realizada pelo antropólogo norte-americano Marvin Harris, em Rio de Contas (BA), e o estudo de “desenvolvimento de comunidade” do antropólogo canadense Kalervo Oberg em Chonin de Cima (MG) foram agrupados sob o mesmo rótulo. Trabalhos histórico-sociológicos, como a pesquisa de Guaratinguetá realizada por Lucila Hermann, aparecem ao lado do estudo monográfico de Marabá (Lagenest, 1958), sob a perspectiva da intervenção social. Enfim, a expressão “estudos de comunidade” engloba variadas pesquisas que diferem em seus objetivos, conteúdo, técnicas de investigação, alcance analítico, compreendendo estudos etnográficos, estudos de organização de comunidade, de caráter histórico, etc. Oscilam entre a concepção da pesquisa de comunidade como método e como objeto de estudo. Esse conjunto heterogêneo de pesquisas tem em comum, entretanto, a preocupação em captar a dinâmica social nas comunidades investigadas.

Essas investigações foram produzidas durante e após a 2ª Guerra Mundial, no contexto do desenvolvimento, da Guerra Fria, da cooperação técnica internacional e das trocas acadêmicas e políticas mediante acordos entre diferentes instituições, tais como o acordo entre o Instituto de Assuntos Interamericanos (EUA), o Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution e a ELSP; a parceria entre os estudos de desenvolvimento de comunidade do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e pesquisadores da ELSP; e os convênios entre o Programa Ponto IV do governo norte-americano, o Serviço Social Rural e a ELSP. Essas iniciativas também refletiram a atuação de agências multilaterais como a ONU, a UNESCO e a OMS.

A análise do Projeto do São Francisco permite observar que a investigação da estrutura social de comunidades em processo de mudança passou a ser entendida, ao longo dos anos 1950, como um aspecto importante para a transformação da realidade socioeconômica das áreas rurais do país. No projeto ficou patente a noção de utilidade social do conhecimento científico produzido pelos cientistas sociais. Como salientou Pierson em sua justificativa para a realização desse projeto, as pesquisas antropológicas e sociológicas poderiam ter desdobramentos de ordem prática, associados, mais especificamente, à informação e à orientação das ações em planejamento social. Ao conceber a possibilidade de atuação do sociólogo não apenas como pesquisador, mas também como consultor no âmbito das ciências

sociais aplicadas, Pierson ampliava sua perspectiva, esboçada ao longo dos anos 1940, quanto ao papel do cientista social e à possibilidade de aplicação do conhecimento sociológico.

Esta posição de Pierson acerca de uma ciência útil a questões de ordem social, embora esteja presente desde a formulação do Projeto do São Francisco, contrasta com o cerne da atuação do sociólogo na ELSP até o final dos anos 1940. Neste período, Pierson esteve envolvido em atividades docentes de formação intelectual de cientistas sociais e na realização de pesquisas por meio das quais seus alunos recebiam treinamento na utilização de técnicas e métodos de investigação. É igualmente marcante neste momento seu envolvimento na editoria da revista *Sociologia*, na elaboração de artigos, edição de livros, bem como na pesquisa realizada em Araçariguama (Cruz das Almas), atividades que apontam para seus esforços no sentido da institucionalização das Ciências Sociais no país com base na pesquisa empírica. As pesquisas no Vale revelam, no entanto, um Pierson mais sensível ao papel do sociólogo e à importância do seu trabalho em relação ao contexto histórico, intelectual, político e social em que as investigações eram conduzidas.

Em *O Homem no Vale do São Francisco* (1972)<sup>1</sup>, Pierson assinala os aspectos que deveriam ser considerados para o êxito dos programas de mudança social<sup>2</sup>, inclusive a participação ativa da população nestes processos. A seu ver, o conhecimento das relações sociais, em seus diversos contextos (cultural, geográfico, econômico, histórico), era essencial para qualquer tentativa de introdução de “mudança social dirigida”. Neste sentido, mediante a análise do Projeto do São Francisco, que representa a “inflexão de Pierson”, objetiva-se qualificar a relação estabelecida entre o trabalho dos cientistas sociais e a conjuntura desenvolvimentista da década de 1950 no Brasil, considerando os denominados “estudos de comunidade” e a atuação de Pierson na ELSP e os que permitem articular contexto histórico e produção intelectual sobre a sociedade brasileira no período.

---

<sup>1</sup> Além do estudo de Pierson, fazem parte do Projeto *Medicina Rústica*, publicado em 1959 e *Populações Ribeirinhas do Baixo São Francisco*, publicado em 1961, ambos de Alceu Maynard Araújo; *Potengi: encruzilhada no Vale do São Francisco*, de Alfonso Trujillo Ferrari, publicado em 1960; *Cerrado e Retiro: cidade e fazenda no Alto São Francisco*, de Esdras Borges Costa, publicado em 1960; *Xique-Xique e Marrecas: duas comunidades do Médio São Francisco*, de Fernando Altenfelder Silva, publicado em 1961, e *Análise Comparativa de Alguns Aspectos da Estrutura Social de duas Comunidades do Vale do São Francisco*, apresentada por Altenfelder como tese de Livre-Docência junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná em 1955; e outros dois estudos que não chegaram a ser publicados: *Rio Rico e os Gerais: estudo de dois grupos humanos no platô ocidental do Vale do São Francisco*, de Levy Cruz; e o estudo de Cabrobó, coordenado por Octavio da Costa Eduardo.

<sup>2</sup> Pierson se inspira no trabalho de George Foster “Guidelines to Community Development Programs”. *Public Health Reports*, vol. 70, n° 1, janeiro de 1955, p. 19-23.

## O Projeto do São Francisco em construção

Donald Pierson lecionava nos cursos de Sociologia e Antropologia Social da ELSP há uma década quando formulou o Projeto do São Francisco em 1949. Sua atuação na formação de sociólogos-pesquisadores e na divulgação de uma sociologia científica no Brasil guardava afinidades com perspectivas sociológicas preconizadas pela Universidade de Chicago, notadamente aquelas elaboradas por William Thomas, Robert Park e Ernest Burgess, que nutriam particular interesse pelos problemas de desorganização social decorrentes dos processos de mudança.<sup>3</sup>

Na ELSP, Donald Pierson criou e dirigiu o Departamento de Sociologia e Antropologia em 1939, ampliado dois anos depois para a Divisão de Estudos Pós-Graduados<sup>4</sup>. Em 1945<sup>5</sup>, a Divisão passou a contar com o programa de pesquisas e treinamento de pesquisadores a partir de um convênio com o ISA, instituição fundada em 1943 como unidade do Departamento de Etnologia Americana da Smithsonian Institution, formada por museus e centros de pesquisa de ciências naturais, geografia e etnologia. O Departamento de Estado norte-americano, por intermédio do seu Comitê para Cooperação Cultural e Científica, financiou as atividades do ISA, que tanto no Brasil como em outros países da América Latina constituíram parte da “Política de Boa Vizinhança” do governo Roosevelt. As atividades de ensino e pesquisa em antropologia, sob a chancela do ISA, previam a realização de estudos em comunidades rurais em processo de transformação. O conhecimento acumulado serviria de subsídio à intervenção social, ou seja, “ficariam disponíveis a planejadores nos vários países em que as pesquisas fossem realizadas, e proveriam os dados socioculturais de que necessitam” (Foster, 1979[1967], p. 205. T.A.; Figueiredo, 2009).

---

<sup>3</sup> O Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago, fundado em 1892, deu origem a uma tradição de investigação empírica em resposta aos inúmeros problemas sociais decorrentes do *boom* demográfico e do acelerado desenvolvimento urbano-industrial vivido por Chicago a partir do final do século XIX. A partir dos trabalhos de William Thomas e Robert Park, os sociólogos passaram a se preocupar cada vez mais com a delimitação de seu campo científico como algo distinto do trabalho social. No entanto, na construção de seus objetos de pesquisa, continuaram privilegiando o estudo de questões associadas à vida urbana, como o crescimento da criminalidade, da tensão inter-étnica (envolvendo principalmente imigrantes europeus e negros vindos do Sul), do divórcio e da delinquência juvenil. Ver Coulon, 1995; Eufrásio, 1999; Chapoulie, 2001; Valladares, 2005.

<sup>4</sup> Sobre a trajetória profissional de Donald Pierson, ver seu depoimento em Corrêa, 1987.

<sup>5</sup> Anuário da ELSP, 1947, p. 14.

Os representantes do ISA no país foram o antropólogo Kalervo Oberg<sup>6</sup> e o sociólogo Donald Pierson. A atuação deste último na ELSP foi fundamental para o estabelecimento de atividades financiadas pelo ISA no Brasil e também serviu de modelo na criação de convênios com instituições acadêmicas em outros países, tais como México, Peru e Colômbia (Pierson, 1987; Price, 2008, p. 112). A ISA foi um dos patrocinadores do programa, sob a coordenação de Pierson, de pesquisas no Vale do São Francisco. Este consistia em um estudo detalhado do modo de vida no Vale, no qual a região era pensada de forma integrada a outras partes do país.

No documento “*Notes on the São Francisco preliminary survey*”, endereçado ao ISA, Pierson destacou três pontos programáticos contidos no “projeto do Vale”:

**A. Científico:**

1. Fornecerá dados preliminares para propostas comparativas;
2. Provavelmente estimulará (e talvez venha a ser modelo) para *surveys* em outras partes do Brasil;

**B. Prático:**

1. Fornecerá dados úteis ao planejamento social no vale, por parte dos funcionários públicos responsáveis por melhorias na saúde, saneamento, agricultura, educação, etc.;
2. Contribuirá no acompanhamento e avaliação das prováveis mudanças sociais no futuro próximo, especialmente com o amadurecimento dos planos do governo federal para desenvolver a capacidade hidroelétrica do vale;

**C. Estratégico:**

1. Ao fornecer informações úteis a outras pessoas e organizações no Brasil, chamará atenção para a Escola [de Sociologia e Política], suas propostas, realizações e possibilidades de colaboração futura;
2. Empregando neste caminho – num projeto fora do estado de São Paulo e de interesse nacional – parte do financiamento recentemente concedido à Escola pelo governo federal, ajudará a justificar, aos olhos dos legisladores federais, a subvenção federal à Escola, e aumentará a probabilidade de sua renovação, e seu aumento, no futuro<sup>7</sup>.

Nota-se que estas três dimensões se articulavam intimamente. Do ponto de vista científico, tratava-se da oportunidade de reunir dados sobre determinada região do país e, com base em análises comparativas, produzir conhecimento sobre a estrutura sociocultural das

---

<sup>6</sup> Kalervo Oberg formou-se em economia na University of British Columbia em 1928 e ingressou no programa de Antropologia da Universidade de Chicago em 1930. Foi um dos primeiros antropólogos a fazer parte do programa do Instituto de Assuntos Interamericanos (IAIA) voltado para a América Latina. Lecionou na ELSP por seis anos (1946-1952) e foi “social science consultant” no Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) (McCOMB e FOSTER, 1974, p. 357-358).

<sup>7</sup> “A Preliminary Survey of the Valley of São Francisco”, 1949. Fundo Donald Pierson, pasta 72. AEL. T.A.

comunidades<sup>8</sup>. É patente, nesse caso, a preocupação de Pierson com o desenvolvimento da produção sociológica mediante o contato íntimo com realidades sociais específicas, ou ainda, com generalizações sociológicas que tivessem o respaldo do conhecimento empírico acumulado. Para Pierson, a consolidação da Sociologia enquanto campo científico no país dependia justamente da possibilidade da prática sistemática de pesquisa<sup>9</sup>.

Sob tal perspectiva era fundamental garantir recursos para a instituição, o que remete ao aspecto “estratégico” do Projeto do São Francisco. Afinal, o fornecimento de informações úteis, ao legitimar o trabalho desenvolvido na ELSP frente ao Estado, tornaria o governo federal sensível à possibilidade de financiamento de suas atividades de pesquisa, abrindo caminho para futuras colaborações<sup>10</sup>.

As pesquisas no Vale se tornaram assim uma estratégia de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, uma vez que ampliavam a legitimidade da produção de conhecimento sócio-antropológico. A formação de cientistas profissionais bem como a divulgação de resultados em artigos e livros (publicação dos estudos) também estiveram implicadas neste processo. Assim, o “projeto do Vale” serviu ao propósito de justificação da importância do trabalho de antropólogos e sociólogos calcado na pesquisa empírica frente não somente ao poder público como também à comunidade científica das ciências sociais que então se formava.

No documento ora em análise, Pierson referiu-se ainda ao aspecto “prático” da pesquisa, ponto que evidenciava a relação entre o Projeto do São Francisco e o tempo do planejamento e do desenvolvimento.

---

<sup>8</sup> Dada a diversidade das regiões do país, a realização de EC configurou, naquele momento, uma possibilidade de conhecimento do mundo rural, associando interpretação dos fenômenos sociais e pesquisa empírica sistemática (Fernandes, 1958, p. 225).

<sup>9</sup> No contexto da institucionalização das Ciências Sociais no Brasil – mediante a criação de centros de formação profissional e treinamento de pesquisadores no âmbito universitário e de pós-graduações, adoção de novos padrões de produção científica, investimento em contratação de profissionais estrangeiros, realização de trabalho de campo, etc. – a ênfase na produção com base em pesquisa empírica foi considerada por Pierson uma forma de afirmar o caráter científico da produção das Ciências Sociais. Sobre o processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil ver Corrêa, 1987; Miceli, 1989; Limongi, 1989; Massi, 1989; Oliveira, L. 1995.

<sup>10</sup> Haja vista as incertezas sobre a continuação do apoio do ISA a pesquisas no Brasil neste período, em decorrência das mudanças na política externa norte-americana com o fim da Segunda Guerra Mundial, pode-se inferir que Pierson procurou mostrar ao ISA a relevância do conhecimento que o governo norte-americano estava ajudando a produzir e, assim, garantir a manutenção do financiamento de suas atividades no Brasil (Figueiredo, 2009).

## **Pesquisa, planejamento e desenvolvimento no ciclo de estudos no Vale do São Francisco**

O aspecto “prático” sugerido em “*Notes on the São Francisco preliminary survey*” dizia respeito à cooperação entre cientistas sociais e poder público na área do “planejamento social”. Esta idéia não se limitaria à regulação, por parte do Estado, do processo de desenvolvimento econômico tão em evidência no contexto das vertiginosas transformações em curso no Brasil. Bielschowsky (1995, p. 58) afirma que o conceito de planejamento, na linguagem de economistas latino-americanos, assemelhava-se àquele de industrialização. Nas palavras do autor, planejamento era “o instrumento necessário para superar os obstáculos que as estruturas econômicas subdesenvolvidas opunham à industrialização e, portanto, ao desenvolvimento”. O registro do “planejamento”, no documento de Pierson, contudo, contém ainda uma perspectiva sociológica afeita às técnicas de controle social e político dos processos de mudanças sociais (Ianni, 2009 [1970], p. 289-291).

O Projeto do São Francisco estava em sintonia com o binômio planejamento-desenvolvimento. Gerando dados sobre a região, as pesquisas sócio-antropológicas contribuiriam para o acompanhamento e avaliação dos processos de mudança social conforme o “amadurecimento dos planos do governo federal para desenvolver a capacidade hidroelétrica do vale”. Saber como vivia o homem no Vale do São Francisco significava para os técnicos do Estado tanto identificar os entraves ao desenvolvimento quanto planejar as ações para superá-los. Assim, a realização do “Projeto do Vale” auxiliaria o poder público a transformar as condições de vida da população, com melhorias na saúde, saneamento, agricultura, educação, etc.<sup>11</sup>.

O “projeto do Vale” guarda afinidades com o advento do programa Ponto IV. Criado em 1949, durante o governo Truman, o Ponto IV, em particular, estabelecia o uso dos avanços científicos e do progresso industrial de que os EUA dispunham para o estímulo ao crescimento de “áreas subdesenvolvidas” mediante a melhoria de seus aspectos econômicos, sociais e sanitários.<sup>12</sup> Tratava-se de um amplo empreendimento que, apelando para a

---

<sup>11</sup> “A Preliminary Survey of the Valley of São Francisco”, 1949. Fundo Donald Pierson, pasta 72. AEL. T.A.

<sup>12</sup> Public Papers of the Presidents. Harry S. Truman. January 20, 1949. Harry S. Truman Library and Museum. Disponível em <http://www.trumanlibrary.org/publicpapers> (acesso em 20.08.2012).



cooperação internacional, visava à elevação das condições de vida da população nos países subdesenvolvidos no âmbito da Guerra Fria, do avanço do comunismo. (Rist, 2002, p. 73-74).

Uma das evidências do interesse pelo Vale do São Francisco no pós-2ª Guerra encontra-se no artigo 29 da Constituição de 1946 que destaca a sua importância no âmbito nacional, definindo o traçado e a execução de “um plano de aproveitamento total das possibilidades econômicas do rio São Francisco e seus afluentes, no qual [o governo federal] aplicará, anualmente, quantia não inferior a um por cento de suas rendas tributárias”<sup>13</sup>.

A fim de que fosse elaborado um “Plano Geral para o Aproveitamento do Vale do São Francisco” foi criada a Comissão do Vale do São Francisco (CVSF) pela Lei Federal nº 541 de 15 de dezembro de 1948 que, dentre outras questões, estabeleceu:

Art. 7º - Incumbe à C.V.S.F.:

a) organizar e submeter ao Presidente da República, para aprovação do Congresso Nacional, o plano geral de aproveitamento do Vale do São Francisco, que vise a regularização do curso de seus rios, melhor distribuição de suas águas, utilização de seu potencial hidroelétrico, fomento da indústria e da agricultura, desenvolvimento da irrigação, modernização de seus transportes, incremento da imigração e da colonização, assistência à exploração de suas riquezas;

Art. 9º - A Comissão poderá colaborar com as associações rurais, já constituídas ou que se venham a criar no sentido de introduzir na agricultura e na pecuária, ou de os aperfeiçoar, os processos mais rápidos e eficientes.

Art. 10º - A C.V.S.F., ao organizar suas tabelas de salários, procurará fixá-los observadas as condições de cada região, a fim de atenuar quando possíveis as perturbações oriundas da mudança de atividade das populações locais<sup>14</sup>.

No “plano geral”, sob a responsabilidade da CVSF, fica evidente na alínea “a” da referida lei, que o principal interesse da administração pública recaía sobre a indústria, a agricultura e a exploração de riquezas. Era imperativa a introdução de melhorias (técnicas agrícolas de irrigação, uso de fertilizantes, de maquinário industrial, etc.) capazes de acelerar o processo produtivo e incluir a região no sistema capitalista. Este processo de modernização estava especialmente ligado à produção de energia hidrelétrica. O engenheiro civil Lucas Lopes<sup>15</sup>, na qualidade de chefe da equipe dos técnicos responsáveis pelo “plano geral”,

<sup>13</sup> BRASIL. Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 18 de Setembro de 1946. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao46.htm). Acesso em 02.09.2012.

<sup>14</sup> BRASIL. Lei nº 541 de 15 de dezembro de 1948. Cria a Comissão do Vale do São Francisco e dá outras providências. Disponível em <http://www.codevasf.gov.br/principal/legislacao/leis/lei-nb0-541-de-15-de-dezembro-de-1948>. Acesso em 01.07.10.

<sup>15</sup> Lucas Lopes (1911-1994) teve papel de destaque nas políticas de expansão energética na década de 1950. Integrou a Comissão de Administração do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) em 1952, trabalhou no Conselho de Desenvolvimento (órgão de aplicação do Plano de Metas no governo de Juscelino Kubitschek e na CVSF, entre outros cargos. Centro de Pesquisa e Documentação de História

afirmou ser a valorização econômica do São Francisco algo do mais alto interesse do governo federal enquanto esforço de consolidação da unidade nacional. Tratava-se de aumentar o intercâmbio entre as regiões nordeste e sudeste, povoar as margens do São Francisco e elevar o padrão de vida das populações ribeirinhas (Lopes, 1955, p.30)<sup>16</sup>.

Os artigos da lei supracitada mostram igualmente uma preocupação com alterações na ordem social, isto é, as possíveis “perturbações” causadas pelas transformações no setor econômico. No caso do aproveitamento hidrelétrico do rio São Francisco, que exigia o alagamento de extensas áreas para a construção de barragens, comunidades inteiras seriam deslocadas de suas terras, o que aumentaria o fluxo migratório para regiões vizinhas e outras áreas do país. Este processo poderia ocasionar conflitos sociais envolvendo a disputa de terras bem como problemas de adaptação da população às novas áreas, em função da mudança nos hábitos alimentares, nas relações vicinais, etc. (Camelo Filho, 2005, p. 88).

O interesse dos administradores em compreender os impactos sociais de suas atividades permitiu a aproximação dos cientistas sociais do plano de desenvolvimento regional. Segundo Maio e Lima (2009, p. 532-533), neste período os “cientistas sociais [assumiram posição central] no planejamento das ações administrativas voltadas especialmente para a população rural brasileira” na medida em que “seu conhecimento das questões de natureza sociocultural deveria antecipar e orientar quaisquer intervenções”.

### **Cientistas sociais em campo: as pesquisas no Vale do São Francisco**

O “Projeto do Vale” foi planejado para ser executado em duas etapas: um *survey* e os estudos nas localidades. As atividades iniciais indicadas por Pierson foram: 1) o exame de material histórico, ecológico e sociológico publicado sobre o Vale; 2) uma viagem pelo curso do rio para observar a realidade social das comunidades ribeirinhas, entrevistar a população e colher dados estatísticos; 3) preparar relatórios sobre as atividades realizadas (Pierson, et. al., 1952, p. 22-23). A duração prevista para a execução das investigações foi de oito meses e diversos pesquisadores (alunos e ex-alunos de Pierson na ELSP) foram indicados para realizar

---

Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), disponível em [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/biografias/lucas\\_lopes](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/biografias/lucas_lopes). Acesso em 17.08.10.

<sup>16</sup> Sobre a importância econômica do Vale do rio São Francisco neste período, ver: Andrade, 2006; Vainer, 2007; Camelo Filho 2005 e 2008; Coelho Neto, 2009.

o trabalho, entre os quais: Levy Cruz, Maria Mirtes Brandão Lopes, Frank Goldman e Octavio da Costa Eduardo<sup>17</sup>.

Octavio Eduardo, Levy Cruz e Donald Pierson fizeram a primeira viagem ao Vale do rio São Francisco entre os meses de abril e junho de 1950, percorrendo os quase 2.200 km da região – da nascente até a foz do rio em barcos, canoas, caminhões, e algumas vezes a pé<sup>18</sup>. O financiamento do *survey* foi acordado entre Pierson e Jaime Duarte, técnico em educação da CVSF, e intermediado por Anísio Teixeira, então secretário de Educação e Saúde do governo do estado da Bahia, na gestão de Otávio Mangabeira (1947-1951). Neste período, Anísio Teixeira havia formulado, junto com o antropólogo Charles Wagley, o projeto de pesquisas sociais Columbia University/Estado da Bahia. Este projeto objetivava, por meio da realização de EC, produzir conhecimento sobre a vida social na região e estabelecer políticas públicas nas áreas de educação e saúde (Maio, 2009, p. 259).

A CVSF custeou a pesquisa preliminar, solicitando que os pesquisadores dedicassem especial atenção à educação no Vale, bem como à “medicina popular” (Pierson et. al., 1952). Havia a expectativa que o conhecimento sobre a educação e as práticas terapêuticas das camadas populares ajudassem o SESP e a CVSF a superar as resistências das comunidades rurais em incorporar novos hábitos de saúde ao seu cotidiano<sup>19</sup>.

Os critérios utilizados para a escolha das comunidades estavam fundamentados em informações levantadas em fontes estatísticas, literatura sobre o Vale, entrevistas e observação participante. Elas foram escolhidas em pares<sup>20</sup>, que deveriam refletir a diversidade da região: física (um par próximo da nascente do rio, outro na região das corredeiras, outro ainda próximo da foz, etc.); econômica (uma área predominantemente agrícola, outra pecuária, comercial, etc.); e sociocultural (variações do contato com os centros urbanos, indicando graus de preservação das características sociais e culturais tradicionais, ou de sua substituição por outros afins ao mundo urbano (ibidem, I, p. 57-103)<sup>21</sup>.

<sup>17</sup> “A Preliminary Survey of the Valley of the São Francisco”, 1949. Fundo Donald Pierson, pasta 72, AEL; Carta de Donald Pierson a Paulo Peltier Queiroz em 03.01.1952. Fundo Donald Pierson, pasta 57, AEL.

<sup>18</sup> “As pesquisas levadas a efeito no Vale do São Francisco – 28.02.1959”. Fundo Donald Pierson, Pasta 56, AEL.

<sup>19</sup> Acerca das resistências de comunidades rurais em relação às atividades do SESP, ver Fontenelle, 1959.

<sup>20</sup> 1º par: Cerrado e Retiro (2.825 habitantes), em Minas Gerais; 2º: Correntina e Gerais (19.306 hab.), na Bahia; 3º: Xique-Xique e Marrecas (33.004 hab.), também na Bahia; 4º: Cabrobó e Ilha de Toré (10.235 hab.), em Pernambuco; 5º: Piaçabuçu e Potengi (9.500 hab.), em Alagoas (ver figura 1 em anexo). Nessas localidades, 69,7% da população vivia em áreas rurais (Pierson, 1972, II, p. 15).

<sup>21</sup> “The São Francisco Project – 28.02.1959”. Fundo Donald Pierson, Pasta 56, AEL.

Note-se que os critérios de escolha das comunidades refletiram a influência dos trabalhos de Robert Redfield no México (*Civilização e Cultura de Folk: variações culturais em Yucatan*, 1949), especialmente no que tange à ideia do *continuum* rural-urbano e ao interesse pelas manifestações culturais. Na carta a Paulo Peltier de Queiroz, Diretor-Superintendente da CVSF, também ficou evidenciada a afinidade de Pierson com as perspectivas sociológicas gestadas na Universidade de Chicago e associadas a Robert Park e Ernest Burgess, principalmente no tocante aos processos de “conflito”, “acomodação” e de manifestação do comportamento coletivo. Pierson afirmou, nesse sentido, que na condução do *survey* daria atenção especial aos seguintes elementos:

1) à 'luta pela existência' e suas conseqüências com referência às formas culturais e à migração; 2) ao papel, na organização social: do isolamento e do contato; das relações entre pessoas, famílias, raças e nacionalidades; dos sistemas de parentesco e compadrio; do ritual, cerimônia e crença; das formas e grau de intensidade do conflito e acomodação; e dos processos educacionais tanto formais como não-formais; juntamente com considerações sobre comunicação, solidariedade, status, prestígio, liderança e controle social, elementos importantes nos processos acima mencionados; 3) aos provérbios, epigramas, ditos populares, lendas e histórias, peculiares à região, principalmente os que resumem ou simbolizam as condições de vida e o comportamento coletivo, bem como os padrões culturais e o mundo mental desenvolvidos sob essas condições; 4) ao caráter, dimensão e intensidade da mudança social que começa a aparecer em certas áreas do vale<sup>22</sup>.

O documento resume a agenda de trabalho de Pierson, os temas centrais a serem investigados, entre os quais: o papel do “isolamento” e do “contato” na organização social, e a questão da mudança social. O problema do isolamento era uma das ideias diretrizes do *survey* – uma das comunidades de cada par deveria apresentar maior contato com outros centros urbanos enquanto a outra seria mais isolada. Os resultados dos estudos permitiriam uma análise comparativa dos diferentes graus de isolamento de cada comunidade, visto que esta variação era considerada a principal condicionante do “caráter, dimensão e intensidade da mudança social” que se processava na região do Vale. Quanto maior o isolamento, menor a importância da mudança, e mais evidente a força da tradição. (Pierson, 1972, II, p. 166-167).

O primeiro desdobramento da pesquisa no Vale do São Francisco foi a publicação dos resultados do *survey* no artigo “Hipóteses e sugestões sobre o ensino no Vale do São Francisco” (1952), elaborado por Pierson, Levy Cruz e Octavio da Costa Eduardo. Com base nas informações levantadas, eles sugeriram que qualquer mudança que se pretendesse fazer no

---

<sup>22</sup> Carta de Donald Pierson a Paulo Peltier de Queiroz em 10.08.1950. Fundo Donald Pierson, Pasta 57, AEL.

setor de educação devesse ser acompanhada de mudanças em outros setores da vida social das comunidades. Sugeriram a instalação de equipamento cinematográfico; a criação de campanhas educativas voltadas para a população adulta, mostrando os benefícios do ensino; e o aumento da eficiência do corpo docente por meio de seminários e cursos de extensão. Ressaltaram o fato de que o sucesso das propostas dependia ainda do apoio da comunidade local e da promoção do desenvolvimento socioeconômico, a ser realizado de forma integrada à organização social e às características culturais das comunidades (Pierson et. al., 1952, p. 30-37).

Em 30 de Dezembro de 1950, após a realização do *survey*, o Projeto do São Francisco foi apresentado ao Departamento de Produção e Assistência da CVSF. Ao encaminhar o Projeto para apreciação do presidente Dutra, a diretoria da CVSF apontou a necessidade de que órgãos públicos e privados conhecessem os “processos sociais de manutenção, transmissão e desenvolvimento da cultura de uma área tão estrategicamente importante para o país como o Vale”<sup>23</sup>.

As pesquisas foram realizadas durante o segundo Governo Vargas. A inclusão na agenda governamental de planos de aproveitamento econômico e hidrelétrico do vale do São Francisco fez parte das negociações bilaterais entre Brasil e EUA referentes à cooperação econômica voltada para os setores industriais, de transporte e agricultura (D’Araújo, 1992, p. 107; 160-168). O projeto que a CVSF tinha em mãos foi considerado “a base indispensável em que se alicerçará a política governamental de assistência às populações e amparo à produção”<sup>24</sup>. Aos olhos dos técnicos e administradores da CVSF, as ciências sociais exerceriam um importante papel no êxito de suas ações rumo ao desenvolvimento.

Neste sentido, a diretoria da CVSF tomou como exemplo a pesquisa realizada pelo antropólogo Alfred Métraux, indicando sua importância para o planejamento das ações governamentais no Haiti. O estudo da sociedade e da cultura mediante “inquérito sociológico e ecológico” serviria de “anteparo e apoio de qualquer ação governamental”<sup>25</sup>. O estudo de

---

<sup>23</sup> Carta de Donald Pierson a Paulo Peltier de Queiroz em 30.12.1950. Fundo Donald Pierson, Pasta 57, AEL; Comunicação do Departamento de Produção e Assistência da CVSF ao Presidente da República, s/d. Fundo Donald Pierson, pasta 57, AEL.

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> A referência à pesquisa realizada por Métraux no Haiti demonstra a circulação internacional de experiências no campo das ciências sociais na interface com projetos de desenvolvimento e assistência técnica. Comunicação do Departamento de Produção e Assistência da CVSF ao Presidente da República, s/d. Fundo Donald Pierson, pasta 57, AEL.

Métraux fez parte de um projeto da UNESCO levado a cabo em 1948 com a colaboração da OMS, da FAO e do governo haitiano<sup>26</sup>. Elegendo a educação como meio privilegiado de elevação dos níveis sócio-econômicos do Haiti, o projeto se propunha a introduzir no Vale do Marbial (área rural no sudeste do país com cerca de 130 mil m<sup>2</sup> e população de 30 mil pessoas)<sup>27</sup> técnicas modernas de educação fundamental. Tratava-se da primeira iniciativa de assistência técnica da ONU em uma área subdesenvolvida (Amrith e Sluga, 2008, p. 261-262). O exemplo do Haiti apresentado pela CVSF é um indicador da influência das experiências de agências internacionais na configuração de projetos nacionais.

As pesquisas no Vale duraram nove anos, desde as primeiras viagens a campo até a preparação das monografias. Pierson esteve pela última vez na região em 1959, com financiamento da Fundação Rockefeller, a fim de conferir algumas informações contidas no estudo que seria entregue à CVFS naquele mesmo ano (Pierson, 1972, I, p. 20)<sup>28</sup>. *O Homem no Vale do São Francisco* (1972) está dividido em três volumes: no primeiro, Pierson descreve os aspectos físicos da região – a bacia hidrográfica do rio São Francisco, formação geológica, clima, vegetação, fauna e apresenta as características gerais das localidades estudadas (as vias de acesso às comunidades, distribuição espacial das casas e tipo de habitação, densidade populacional e o perfil social de – pescadores, crianças, mulheres, etc.). É o momento de narrativa da chegada de Pierson às comunidades e a descrição da paisagem circundante.

Consta também neste volume informações sobre a história do Vale (formas de ocupação da região, comunidades indígenas, bandeirantismo, missões religiosas, etc). A história regional serve de pano de fundo para a comparação entre os processos de organização social e cultural das comunidades no passado e a configuração observada durante as pesquisas (Pierson, 1972, I, p. 223-323). O objetivo do primeiro tomo da obra de Pierson foi mostrar a origem dos grupos sociais, a formação étnica da população, os meios de exploração dos

---

<sup>26</sup> Unesco Courier, vol. 1, n° 3, abril de 1948. p. 4.

<sup>27</sup> A região era caracterizada não só pelo elevado índice de analfabetismo, como pelo predomínio de doenças tropicais, desmatamento e agricultura pouco produtiva.

<sup>28</sup> Apesar da pesquisa ter sido encerrada em 1959, ela foi publicada somente treze anos depois. Durante este período, as mudanças administrativas na CVSF (transformada em autarquia em 1967, passou a se chamar Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), subordinada ao Ministério do Interior) impuseram dificuldades para o financiamento da tradução, da preparação do manuscrito e publicação da obra, que chegou a ter capítulos desaparecidos nos seus gabinetes (Oliveira, N., 2010).

recursos naturais, a formação da estrutura fundiária, o estabelecimento da ordem política, entre outros aspectos.

Após apresentar o cenário natural e histórico, Pierson expôs no segundo volume o perfil social dos moradores do Vale e seus meios de subsistência: características da população (distribuição por sexo, idade, raça, índices de natalidade e mortalidade, etc.), hábitos alimentares, habitação, vestuário, divisão do trabalho, uso da terra, agricultura, pecuária, artesanato, etc. A população era esparsa, concentrando-se nas grandes fazendas, ou em pequenas cidades e vilarejos. A distinção entre rural e urbano, nos censos do IBGE consultados por Pierson, seguia um critério político, sendo uma área considerada urbana por ser sede de um município. A pesquisa revelou, entretanto, que esta distinção não refletia a realidade no Vale, pois não considerava as características sociais das localidades, tampouco o número de habitantes. Pierson mostrou que as áreas consideradas rurais e urbanas apresentavam basicamente os mesmos hábitos e sistemas de valores, em que as relações vicinais e de parentesco influíam no comportamento individual e coletivo. Neste sentido, muitas áreas consideradas urbanas mantinham características predominantemente rurais (Pierson, 1972, II, p. 5-15).

Neste volume se destacam os capítulos sobre higiene e hábitos corporais, doenças e práticas de cura no Vale. O autor mostra que os serviços de limpeza pública, nas localidades em que havia, eram precários; nenhuma delas tinha serviço de água e esgoto, situação que estava se modificando especialmente com o trabalho da CVSF, com o fornecimento de água encanada em algumas cidades ribeirinhas (Pierson, 1972, II, p. 143-155). Além da CVSF, o SESP e o Serviço Nacional de Malária atuavam na região, com a instalação de postos de saúde e campanhas de dedetização (ibidem, p. 263-264). Segundo Pierson, as práticas “tradicionais e de origem *folk*” (uso de chás, benzeduras, amuletos) e da medicina científica estavam em contato em todas essas localidades, mas a assimilação das práticas científicas variava de acordo com o local, a classe, a família e o indivíduo (ibidem, p. 196). Enquanto alguns preservavam as formas tradicionais no tratamento das doenças, outros já adotavam práticas diversas, como o uso de soro antiofídico em substituição aos serviços dos “curadores-de-cobra” (Oliveira e Maio, 2012, p. 743).

Na esfera econômica, a criação de gado (bovino e caprino), a agricultura de subsistência (arroz, mandioca), a caça e a pesca dominavam as atividades da região. Com a construção da hidrelétrica de Paulo Afonso, algumas iniciativas foram potencializadas como o

aumento da distribuição de energia elétrica, o uso de bombas d'água para irrigação, e a introdução de inseticidas e adubos nas lavouras. Isto acarretou na comunidade de Cabrobó, por exemplo, o crescimento do cultivo de cebola, que se tornou a principal atividade econômica local (Oliveira, N., 2010, p. 99).

Em relação à estrutura ocupacional, o número de profissionais fora das atividades agropecuárias era reduzido, como médicos (por vezes havia apenas um médico para assistir diversas localidades), advogados, funcionários públicos, professores e motoristas de caminhão. A própria presença de caminhões na região era um indicativo do processo de mudança, pois desempenhavam papel vital não apenas no transporte de cargas e pessoas, mas também na disseminação de notícias, como meio de comunicação entre as localidades mais afastadas e os centros urbanos, integrando-as à sociedade mais ampla. Ao romper o isolamento, as comunidades rurais entravam em contato com novas técnicas agrícolas (uso de arado mecânico, adubos, etc.), aumentavam sua produção e entravam assim na órbita de circulação de mercadorias de outras localidades (Pierson, 1972, II, p. 293; 309-604).

No terceiro volume, Pierson tratou dos aspectos sociais e culturais das comunidades, a saber: etiqueta, família, compadrio, rituais, cerimônias e crenças, comportamento político, entre outros. Incluiu ainda o estudo do ciclo de vida dos indivíduos: infância, fase adulta e morte, educação formal e informal. Entre os elementos reveladores do processo de transformação nas comunidades, o autor destacou o declínio do papel político dos fazendeiros, a diminuição do papel da família e do parentesco na obtenção e manutenção do poder político e a emergência de novos líderes, que adquiriram atitudes diferentes no contato com os centros urbanos, como professores e médicos. A mudança também se fez presente, segundo Pierson (1972, III, p. 288-290), na redução gradativa do coronelismo e a subseqüente diminuição da violência política, significando “mudanças em direção a uma ordem mais democrática”.

Segundo a descrição realizada por Pierson em *O Homem no Vale do São Francisco*, as comunidades caracterizavam-se pela força das tradições culturais, incidindo, sobretudo, na organização social, nas condições de vida (saúde, educação, hábitos alimentares), no sistema de crenças, nas relações interpessoais, nas formas de aproveitamento dos recursos naturais, aspectos que o autor descreve ao longo do trabalho. Entretanto, em função do rompimento do isolamento e do contato com os centros urbanos, bem como das atividades de agências como a CVSF, o SESP e o Serviço Nacional da Malária nos setores produtivos, de saúde e de



educação, tornavam-se evidentes os processos de integração socioeconômica das comunidades rurais ao mundo urbano.

As informações contidas no estudo, dando inteligibilidade a tais transformações, poderiam ser aplicadas em programas de desenvolvimento regional na medida em que identificavam as áreas com maior incidência de problemas sanitários e as principais doenças, áreas com potencial para o desenvolvimento agropecuário, os tipos de produtos e formas de comercialização que poderiam ser aprimorados, entre outros. O intuito era que essas informações orientassem o processo de mudança social no sentido de que houvesse maior adesão das populações aos programas de desenvolvimento na região.

O estudo no Vale aponta a necessidade de uma visão atenta acerca das questões socioculturais nos planos de desenvolvimento. Nesta chave se daria a cooperação entre cientistas sociais e administradores, técnicos desses programas, em que a natureza do conhecimento produzido por meio dos estudos sócio-antropológicos permitiria sua utilização como subsídios, orientações rumo às mudanças.

### **Donald Pierson e a “mudança social provocada”**

O Projeto do São Francisco representa uma inflexão no pensamento de Pierson, quando este passa a associar rigor científico a comprometimento social, compartilhando assim do “otimismo sociológico” vigente nos anos 1950.

Em investigações anteriores conduzidas pelo professor da ELSP, como no caso da pesquisa realizada na comunidade de Cruz das Almas (nome fictício para Araçariguama, situada no interior de São Paulo), Pierson tinha por meta a formação de sociólogos-pesquisadores e a divulgação da sociologia moderna no país. Com efeito, no prefácio à edição norte-americana de *Cruz das Almas* (1966[1951], p. xiv), o sociólogo destaca seu papel no treinamento de cientistas sociais como parte do programa do ISA bem como o interesse científico do Brasil para o pesquisador social em função de sua diversidade cultural e extensão territorial. Neste estudo de caráter etnográfico, o sociólogo aborda em minúcias o modo de vida em uma comunidade rural com predomínio da pequena propriedade agrícola. Deu relevo, nesse caso, às bases materiais e ecológicas da comunidade (envolvendo elementos como clima, fauna, flora, habitações, mobília, técnicas de produção agrícola e organização econômica da comunidade) bem como os aspectos socioculturais, tais como:

etiqueta, linguagem, relações familiares, relações raciais, conflito, cerimônias e crenças, comportamento político, status e prestígio, controle social, etc. Embora houvesse a preocupação em investigar as mudanças estruturais ocorridas na comunidade, que apontavam para a diminuição gradativa da diferenciação social entre as classes, Pierson não relacionou o estudo à possibilidade de aplicá-lo a algum projeto específico de intervenção direcionado à localidade.

A pesquisa em Araçariguama foi realizada entre 1946 e 1947 por meio da Divisão de Estudos Pós-graduados da ELSP. Seus resultados foram divulgados quando somente dois estudos de comunidade haviam sido publicados no Brasil<sup>29</sup>. A investigação aconteceu, portanto, num momento em que a obtenção de dados empíricos por meio do trabalho de campo, representado naquele período pelos EC, fazia parte dos esforços de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil (Nogueira, 1955). Para Pierson, tratava-se de firmar, no espaço acadêmico em construção, um padrão de produção intelectual calcada na investigação empírica sistemática. Nesse caso, também era importante diferenciar sua função como cientista social em relação aos demais especialistas que se dedicavam à reflexão ou à intervenção sobre a vida social, como o pensador social, o filósofo, o historiador, o moralista e o assistente social.<sup>30</sup> Em *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, livro que reuniu aulas e palestras durante a primeira metade da década de 1940, Pierson se manifestou acerca da aplicação do conhecimento sociológico:

É pena, pois, que os sociólogos e outros cientistas sociais estejam atualmente sob a pressão de alguns governos, aliás, bem intencionados, para resolverem, desde já, seus problemas práticos. [...] Devemos [...] admitir francamente que ainda não estamos em condições de dar, de maneira certa, todos os conselhos que se desejam. A prova disto é que dezenas de esforços sinceros, inteligentes e bem intencionados, para tratar de problemas sociais, não só falharam, parcial, ou completamente, mas também foram até agora impotentes para impedir o desenvolvimento, sempre para ‘pior’, de cada um destes problemas. Como ciência, a nossa disciplina é ainda jovem e imatura (Pierson, 1962[1945], p. 45-46).

Pierson notava a demanda pela aplicabilidade do conhecimento produzido na solução de problemas sociais, como os decorrentes do crescimento urbano, e afirmava, em tom pessimista, que não cabia ao sociólogo o envolvimento direto com questões de natureza

---

29 Havia sido publicados os estudos *Cunha. Tradição e transição em uma cultura rural no Brasil*, de Emilio Willems (1947) e *Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de trezentos anos*, de Lucila Hermann (1948). O estudo *Cruz das Almas* foi publicado em português em 1966 na coleção “Documentos Brasileiros” da José Olympio Editora.

30 Ver Corrêa (1987); Limongi (1989); Oliveira (1995) e Lopes (2012).

pragmática em função do estágio incipiente do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil.<sup>31</sup>

Em contrapartida, os argumentos de Pierson acerca da relevância do Projeto do São Francisco indicam que sua perspectiva sofrera mudanças: afinado com as transformações econômico-sociais em curso nos anos 1950, o sociólogo conferiu maior importância à utilidade prática do estudo para governos e agências promotoras do desenvolvimento, além de avaliar os efeitos positivos de tais projetos quanto ao reconhecimento social e institucional da pesquisa sociológica. Conforme indicação prévia, os estudos na região forneceriam informações estratégicas para os programas de desenvolvimento, como as condições educacionais e sanitárias das comunidades, localização dos pontos de abastecimento de água e de possível aproveitamento hidrelétrico, etc.. Desta forma, serviriam de subsídio para o planejamento dessas iniciativas.<sup>32</sup>

A inflexão de Pierson se traduziu pela redefinição do papel do sociólogo, agora investido não apenas da condição de pesquisador, mas também de consultor. Com isto, Pierson se afasta de sua visão cautelosa dos primórdios da institucionalização das ciências sociais. Não se tratava mais de negar a função social do sociólogo que passa a enxergar a possibilidade de colaboração entre o cientista social e o agente da intervenção envolvido com o planejamento, sem deixar de assinalar, no entanto, a relevância da manutenção da distinção entre ambos. Em carta endereçada a Jaime Duarte, técnico em educação da CVSF, por ocasião das negociações em torno da organização e financiamento das pesquisas, Pierson afirmou estar convencido da “absoluta necessidade da realização de estudos prolongados e pormenorizados como fundamento para um eficaz planejamento social”.<sup>33</sup> Contudo, a atividade do pesquisador, prioritariamente voltada para a produção de conhecimento, não poderia se confundir com a do planejador social. Isto porque “[mudava-se] de tal forma [o] ponto de vista [do sociólogo] que não mais [podia] ele ter aquela objetividade e independência indispensáveis para a pesquisa *realista e frutífera*”<sup>34</sup>. Note-se que, ao esboçar sua proposta de investigação no Vale do São Francisco, Pierson ponderou que, embora patrocinadas pela CVSF, as pesquisas seriam realizadas “sob [sua] própria orientação e

---

31 Neste ponto, Pierson parece ter se aproximado das concepções de ciência de importantes sociólogos norte-americanos ligados à Universidade de Chicago, como William Thomas e Ernest Burgess. Sobre o tema, ver: Lopes (2012).

32 “A Preliminary Survey of the Valley of São Francisco”, 1949. Fundo Donald Pierson, pasta 72. AEL. T. A.

33 Carta de Donald Pierson a Jaime Duarte em 13. 04. 1950. Fundo Donald Pierson, Pasta 63. AEL. p. 1.

34 Idem, p. 1 [grifo nosso].

responsabilidade, abrangendo os problemas a serem estudados, os lugares mais indicados para as pesquisas futuras e tudo mais que a eles se relacionar”. Quanto à colaboração, a equipe de pesquisadores sob sua direção “tudo fará para atender aos pedidos da Comissão do Vale do São Francisco no que diz respeito a orientações sobre planejamento. O nosso principal interesse, tomo a liberdade de frisar novamente, é o de estudar a vida social das populações [da região]”.<sup>35</sup> Assim, somente na medida em que o cientista conseguisse se desembaraçar de imperativos práticos imediatos, dedicando-se à atividade de pesquisa, poderia ele produzir conhecimento objetivo e, por conseguinte, passível de ser instrumentalizado.

As tensões presentes no perfil de Pierson como pesquisador-consultor, como sociólogo que reúne interesses, por vezes conflitantes, entre a ciência básica e a ciência aplicada, fazem parte da nova condição do sociólogo na era dos grandes projetos coletivos dos anos 1950, sob o signo da “mudança social provocada”, nas palavras de Emilio Willems (1943), marca de distinção do tempo dos sociólogos. Esta expressão-síntese, como bem analisa Villas Bôas, “revelava a liberdade de agir dentro de um plano elaborado de antemão. Traduzia o desejo de intervir na espontaneidade dos acontecimentos para mudar a feição das instituições, das mentalidades, da distribuição de poder, impondo regularidade nova à conduta cotidiana de homens e mulheres” (Villas Bôas, 2006, p. 13).

O Projeto do São Francisco é representativo da convergência entre o processo de afirmação das Ciências Sociais como referencial investigativo e explicativo da sociedade brasileira e a agenda desenvolvimentista da década de 1950. Neste contexto, Pierson empenhou-se na tradução de demandas sociais em desafios científicos que, por sua vez, permitiriam as mudanças necessárias. Embora o papel do cientista social não devesse se confundir com uma “sociologia de intervenção”, o fato de Pierson ter chamado a atenção para alguns elementos essenciais ao planejamento desses programas, a fim de que obtivessem êxito em seus resultados, reforça a idéia de que as pesquisas sócio-antropológicas deveriam assumir sentido prático.

---

35 Idem, p. 2.

### **Considerações Finais**

Este texto analisou as relações entre ciências sociais e desenvolvimento a partir dos estudos realizados pelo Programa de Pesquisas do Vale do Rio São Francisco nos anos 1950. As investigações ocorreram durante o segundo governo Vargas, período no qual determinadas discussões intelectuais e políticas tornaram-se obrigatórias, tais como: desenvolvimento, planejamento, mudança provocada ou dirigida, e resistências à mudança. A descrição minuciosa da ecologia e da vida social do Vale do São Francisco estava associada a um programa de desenvolvimento regional patrocinado, sobretudo, pela CVSF. Tratava-se de produzir conhecimento útil para elaboração e execução de projetos de modernização, revelando a existência de planos de cooperação entre cientistas sociais e administradores na era do desenvolvimento, a exemplo do projeto Columbia University-Estado da Bahia.

Na parte final da trilogia *O Homem do Vale do São Francisco*, há um apêndice intitulado “Algumas Sugestões Sobre o Planejamento Social”. Pierson procura demonstrar certa cautela ao abordar o papel do sociólogo numa era de mudanças sociais, sobretudo quando procura trazer soluções para os problemas existentes no Vale do São Francisco, declarando que não caberia ao cientista social definir normas à sociedade. Contudo, Pierson pondera, simultaneamente, que “talvez fosse útil sugerir (...) algumas ‘diretrizes’ para o planejamento social em geral” (Pierson, 1972, III, p. 471). Com base no conhecimento dos aspectos sociais e culturais de determinada comunidade, o sociólogo poderia oferecer os meios mais adequados para a realização dos objetivos traçados pelos técnicos envolvidos com o planejamento.

Pierson apresenta, então, um extenso catálogo de sugestões na esfera da engenharia social, isto é, um conjunto de iniciativas geralmente estatais que pretendem mudar atitudes e comportamentos da sociedade. O planejamento social, para Pierson, é considerado de difícil consecução em função da força da tradição. Neste sentido, “a introdução deliberada da mudança social” deve levar em consideração “o papel da tradição nos assuntos humanos, o conhecimento da cultura e de sua função” (Pierson, 1972, p. 472-473). A preocupação com a dimensão humana das populações que fossem foco das transformações sociais faz-se necessária na medida em que há de “conhecer bem as pessoas que se procura ajudar, e entender-lhes os desejos, esperanças, aspirações e motivação, bem como a disposição, e a capacidade, de granjear-lhes não somente o apoio, mas também a ajuda ativa ao novo projeto” (ibidem).

O “projeto do Vale” não se limitou a um “estudo de comunidade”, cuja produção de conhecimento científico seria útil as agências governamentais. Havia a expectativa que do ponto de vista pragmático, os chamados estudos de comunidade pudessem contribuir “para um conhecimento mais aprofundado e mais minucioso da realidade nacional, permit[indo] uma eficiência maior ao trabalho de todos aqueles técnicos que, pelo caráter de suas atividades, são, ao mesmo tempo, agentes de mudança social e cultural: o agrônomo, o médico, especialmente o sanitarista, o educador e outros.” (Nogueira, 1955, p. 98).

A inflexão de Pierson gera uma série de propostas próximas às iniciativas voltadas para o “desenvolvimento/organização de comunidade”. O conceito de “desenvolvimento de comunidade” tem sua origem na tradição anglo-saxã do entreguerras, e se desdobra no pós-2ª. Guerra, na implementação do Ponto IV, nas políticas voltadas para os países periféricos, especialmente patrocinadas por instituições internacionais. Trata-se de uma modalidade de intervenção social baseada no trabalho de organização dos indivíduos em programas de combate ao analfabetismo, melhoria das condições de saúde, modernização da agricultura, de abastecimento d’água, etc. Estas ações em comunidades realizadas por agências locais, nacionais e internacionais, deveriam respeitar as especificidades culturais das populações-alvo e suas lideranças, permitindo desse modo o êxito das mudanças almejadas pelo processo de desenvolvimento (Campos, 2006; Maio & Lopes, 2012).

Ao analisar o envolvimento do cientista social em projetos de planejamento social, Pierson inspirou-se na experiência de um grupo de professores e alunos de um curso de Pós-graduação em Saúde Pública da Universidade de Berkeley. Parte significativa dos participantes do curso tinha experiência de pesquisa, administração ou magistério em saúde pública em vários países, incluindo o Brasil, Chile, Peru, México, El Salvador, Irã, Índia, Ceilão, China e Estados Unidos. O coordenador do curso foi o antropólogo George Foster, ex-diretor do ISA e, mais tarde, colaborador, durante vários anos, na avaliação de programas de saúde pública da Organização Mundial de Saúde (OMS), especialmente na América Latina.

O grupo reuniu-se ao longo de 12 semanas com o objetivo de analisar a eficácia do planejamento social. O resultado foi a elaboração de uma série de sugestões que norteariam a introdução de programas voltados para a mudança social.<sup>36</sup> Em princípio, um ponto apareceu em destaque, ou seja, a necessidade de estudo minucioso da comunidade antes do

---

<sup>36</sup> A experiência é relatada em: Foster (1955).

desenvolvimento do programa. Quanto às medidas de ordem prática rumo à implementação de um programa de “mudança social orientada”, caberia: 1) Conhecer a cultura na qual será introduzida a mudança; 2) Aferir as potencialidades da comunidade alvo com base em conhecimento pragmático da realidade; 3) Não obstante a possível existência de um cenário otimista a longo prazo, deve-se iniciar o planejamento social com ações tópicas, moleculares, com resultados viáveis a curto prazo; 4) definir um programa em que as partes se complementem procurando não correr o risco de fragmentação, de iniciativas isoladas; 5) escolher cuidadosamente a comunidade a ser objeto da mudança; 6) estar atento à seleção das pessoas que estarão liderando o processo de mudança; 7) valer-se da “natureza pragmática” dos indivíduos, mobilizando-os a partir dos próprios fins práticos seguidos pelos habitantes da comunidade; 8) Contar sempre que possível com a liderança local; 9) Não medir esforços para impedir que membros da comunidade se oponham ao projeto (Pierson, 1972, III, p. 474-475).

Essa lista de sugestões, apresentadas pelo “grupo de Berkeley”, inspirou-se nas tensões, conflitos, “resistências culturais à mudança” geradas por experiências mal-sucedidas de programas de saúde pública ao não conseguirem a adesão à medicina científica ocidental, por parte das populações rurais. O Brasil e outros países haviam acumulado fracassos, haja vista a falta de conhecimento e reconhecimento das práticas terapêuticas tradicionais e das formas locais de organização comunitária, gerando assim dificuldades nas relações entre dirigentes, equipes e comunidades (Foster et. al., 1951; Fontenelle, 1959). O SESP colecionou alguns insucessos, a exemplo da experiência de Chonin de Cima, pequeno município de Minas Gerais, sob a coordenação do antropólogo do SESP e da ELSP, Kalervo Oberg, no início dos anos 1950<sup>37</sup>. No mesmo período, uma série de coletâneas foram publicadas nos EUA analisando experiências na África, Ásia e América Latina (Paul, 1955).

O exame do projeto coletivo do Vale do Rio São Francisco permitiu abordar as relações entre ciências sociais e desenvolvimento no Brasil. A “inflexão de Pierson”, ao passar da condição de sociólogo profissional a ator social relevante no processo de “mudança provocada” guarda afinidades com outros sociólogos, tais como: Florestan Fernandes, Costa

---

<sup>37</sup> O SESP havia estabelecido no início de 1951, em Chonin, programas de saúde, agricultura e educação, nos quais a população participaria por meio de um Conselho de Comunidade. Ao analisar o fracasso dos programas, Oberg (1961, p. 44-48) relatou um incidente, numa festa patrocinada pelos funcionários do projeto, em que a disputa política entre os líderes locais culminou com o encerramento das atividades do projeto do SESP. O episódio revelou que o programa estava em “dissonância com os valores, as personalidades e a estrutura tradicionais da comunidade”, aspectos apontados pelo antropólogo como essenciais para a continuidade dos trabalhos.

Pinto, Charles Wagley, Oracy Nogueira, etc. Não por acaso, o ciclo de investigações sob a coordenação de Pierson é uma combinação do que é comumente concebido como “estudos de comunidades” e as modalidades de intervenção social cunhadas de “organização de comunidade”. Concebendo as transformações sociais de modos diversos, eles estiveram atentos à importância de planos e programas patrocinados por agências nacionais e internacionais rumo às mudanças na era do desenvolvimento.

### Referências Bibliográficas

- AMRITH, Sunil e SLUGA, Glenda. New histories of the United Nations. *Journal of World History*. Vol. 19, n° 3. set. 2008.
- ANDRADE, Renata M. T. *The “Third Bank” of the Lower São Francisco River: Culture, Nature and Power in the Northeast Brazil 1853-2003*. Tese (Doutorado em Filosofia). University of California, Berkeley, 2006.
- BIELCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Contraponto. 1995.
- CAMELO FILHO, José Vieira. A dinâmica política, econômica e social do rio São Francisco e do seu vale. *Revista do Departamento de Geografia da USP*, n° 17, 2005.
- \_\_\_\_\_. A política econômica regional do Vale do São Francisco: uma busca do desenvolvimento do interior brasileiro. *Revista de Estudos Sociais*, ano 10, n. 20, v. 2, 2008.
- CAMPOS, André Luiz V. de. *Políticas internacionais de saúde na era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2006.
- CHAPOULIE, Jean Michel. *La tradition sociologique de Chicago (1892-1961)*. Paris, Éditions du Seuil, 2001.
- COELHO NETO, Agripino Souza. Trajetórias e direcionamentos da política de irrigação no Brasil: as especificidades da região nordeste e do Vale do São Francisco. *XIX Encontro Nacional de Geografia*, São Paulo, 2009, p. 1-32.
- CORRÊA, Mariza. *Histórias da Antropologia no Brasil: 1930-1960, testemunhos: Donald Pierson e Emilio Willems*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; (Campinas, SP), Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.



- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. São Paulo, Papirus, 1995.
- D'ARAUJO, Maria Celina. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2ª ed. São Paulo, Ática. 1992.
- EUFRÁSIO, Mário. *Estrutura urbana e Ecologia humana: a Escola Sociológica de Chicago (1915-1940)*. São Paulo, PPGS/USP ed. 34, 1999.
- FERNANDES, Florestan. *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*. São Paulo, Ed. Anhembi, 1958.
- FIGUEIREDO, Regina Érika Domingos de. *Histórias de uma antropologia da “Boa Vizinhança”: um estudo sobre o papel dos antropólogos nos programas interamericanos de assistência técnica e saúde no Brasil e no México (1942-1960)*. Tese (Doutorado). Unicamp, 2009.
- FONTENELLE, Luiz Fernando R. *Aimorés. Análise antropológica de um programa de saúde*. D. A. S. P. Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 1959.
- FOSTER, George M. et al. *A cross-cultural anthropological analysis of atechical aid program*. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Guidelines to Community Development Programs*, Public Health Report, vol. 70, nº1, January, 1955, p. 19-22.
- \_\_\_\_\_. The Institute of Social Anthropology. *The Uses of Anthropology*. American Anthropological Association. Washington, DC. 1979[1967].
- GOLDWASSER, Maria Júlia. Estudos de Comunidade: teoria ou método? *Revista de Ciências Sociais*, vol. 5, nº 1, Fortaleza, UFCE, 1974.
- GUIDI, Maria Laís M. Elementos de análise dos ‘Estudos de Comunidades’ realizados no Brasil e publicados de 1948 a 1960. *Educação e Ciências Sociais*, vol. 10, no. 19, jan. 1962.
- HARRIS, Marvin. *Town and Country in Brazil*. Washington, Columbia University Press, 1956.
- HERMANN, Lucila. *Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de trezentos anos*. São Paulo, IPE-USP, 1948.
- IANNI, Octavio. Estudo de comunidade e conhecimento científico. *Revista de Antropologia*, vol. 9, nºs 1-2, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Estado e Planejamento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 5ª ed. [1970] 2009.

- LAGENEST, H. D. Barruel. *Marabá: cidade do diamante e da castanha*. São Paulo, Anhembi, 1958.
- LIMONGI, Fernando. “A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo”. In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989.
- LOPES, Lucas. *O Vale do São Francisco*. Ministério da Viação e Obras Públicas. Serviço de Documentação. 1955.
- LOPES, Thiago da Costa. *Sociologia e Puericultura no pensamento de Guerreiro Ramos: diálogos com a Escola de Chicago (1943-1948)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2012.
- MAIO, Marcos Chor. Estudos de Comunidade e Relações Raciais: o Convênio Columbia University/Estado da Bahia/UNESCO na década de 1950. *Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP*, São Paulo, v.18, n.18, p.257-271, jan./dez. 2009.
- MAIO, Marcos Chor e LIMA, Nisia Trindade. Tradutores, intérpretes ou promotores de mudança? Cientistas sociais, educação sanitária rural e resistências culturais (1940-1960). *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n° 2, maio/agosto 2009.
- MAIO, Marcos Chor e LOPES, Thiago da Costa. Da escola de Chicago ao Nacional-desenvolvimentismo: saúde e nação no pensamento de Alberto Guerreiro Ramos (1940-1950). *Sociologias*, Ago. 2012, vol. 14, n. 30, p. 290-329.
- MASSI, Fernanda. Franceses e Norte-americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989.
- McCOMB, Marlin R. and FOSTER, George. Kalervo Oberg, 1901-1973 (Obituary). *American Anthropologist*, New Series, vol. 76, n° 2, jun. 1974.
- MELATTI, Julio Cezar. A Antropologia no Brasil: um roteiro. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)*, n° 17, Rio de Janeiro, ANPOCS, 1984.
- MÉTRAUX, Alfred. Fundamental education: basic (sociological) surveys in fundamental education. *UNESCO EDUC/63*, abr. 1948.  
<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001259/125908eb.pdf>
- MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989.
- NOGUEIRA, Oracy. “Os Estudos de Comunidades no Brasil”. *Revista de Antropologia*, vol.3, n° 2, 1955.

- OBBERG, Kalervo. Interesses da comunidade e programas de desenvolvimento rural. *Anais do Seminário Nacional sobre as Ciências Sociais e o Desenvolvimento de Comunidade Rural no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. SSR, 1961.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A Sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1995.
- OLIVEIRA, Nemuel da Silva. *Estudos de Comunidade, Ciências Sociais e Saúde: o ciclo de pesquisas no Vale do São Francisco na década de 1950*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2010.
- OLIVEIRA, Nemuel da Silva e MAIO, Marcos Chor. Ciências Sociais e Saúde no ciclo de pesquisas no Vale do São Francisco (1940-1950). *Physis* [online]. Vol.22, nº 2, pp. 733-753, 2012.
- PAUL, Benjamin D. *Health, Culture and Community*. New York, Russel Sage Foundation, 1955.
- PIERSON, Donald. *Teoria e pesquisa em sociologia*. 6ªed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962 [1945].
- \_\_\_\_\_. *Cruz das Almas*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1966 [1951].
- \_\_\_\_\_. *O Homem no Vale do São Francisco*. 3 Tomos. Ministério do Interior, SUVALE, Rio de Janeiro, 1972.
- \_\_\_\_\_. Depoimento. In: CORRÊA, Mariza. *Histórias da Antropologia no Brasil: 1930-1960, testemunhos: Donald Pierson e Emilio Willems*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; (Campinas, SP), Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.
- PIERSON, Donald, COSTA EDUARDO, Octávio e CRUZ, Levy. Hipóteses e sugestões sobre o ensino no Vale do São Francisco. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, vol. XVII, nº. 46, abr.-jun. de 1952.
- PRICE, David H. *Anthropological Intelligence. The deployment and neglect of American Anthropology in the Second World War*. Durham and London, Duke University Press. 2008.
- REDFIELD, Robert. *Civilização e Cultura de Folk: estudo de variações culturais em Yucatan*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Ed. 1949.
- RIST, Gilbert. *The History of Development. From Western origins to Global faith*. London/New York, Zed Books Ltd. 2002.

- VAINER, Carlos B. Fragmentação e projeto nacional: desafios para o planejamento territorial.  
In: DINIZ, Célio Campolina (org.). *Políticas de desenvolvimento regional: desafios e perspectivas à luz das experiências da União Europeia e do Brasil*. Brasília, Ministério da Integração Nacional, 2007.
- VALLADARES, Lícia do Prado. *A escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. *Mudança Provocada: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.
- WILLEMS, Emilio. A solução do problema rural brasileiro como mudança social provocada. *Sociologia*, n° 5, vol. 2. 1943.

## Anexo

Figura 1.

